



Para não dizer que não falei de literatura

O Caderno de Sábado traz nesta edição resenhas sobre obras de Michel Houellebecq e Francisco Rüdigier e coletânea crítica sobre J. M. Coetzee, além de entrevistas com Tânia Rösing e o escritor argentino Diego Vecchio

■ LUIZ GONZAGA LOPES

Naquele que foi classificado de um livro não acabado, um não romance ou um livro de prólogos em resenha do Flávio Ilha para o jornal literário Rascunho, "Museu do Romance da Eterna", publicado em 1967 na Argentina, 15 anos após a sua morte, está uma chave para a literatura da qual falaremos neste Caderno de Sábado: "Os escritores, os que não acabamos de entender que há tempos devíamos haver nos atido à atitude de críticos sabendo quão terrível fadiga é construir um livro em restrição da arte e quão mínima a probabilidade de acertar..."

O próprio Macedonio é objeto da tese de doutorado do autor argentino Diego Vecchio, que resultou no livro "Macedonio Fernández y la Liquidación del Yo". Vecchio esteve na 13ª Flip, em Paraty, em julho, divulgando o seu livro de contos ou relatos "Micróbios" e conversou com o CS, que precisou entender Macedonio como um antídoto para poder escrever e não se render à gravidade da galáxia Jorge Luis Borges. Outra entrevistada do Caderno conhece muito de literatura e principalmente da formação dos leitores. Tânia Rösing coordenou durante 34 anos (1981-2015) um dos mais populares eventos de literatura do país, a Jornada de Passo Fundo, que este ano foi cancelada por falta de patrocínio e Tânia foi afastada das funções. Na entrevista, Tânia fala so-

bre formação de leitores, Jornada e teorias literárias.

O médico e ensaísta Franklin Cunha teceu considerações em resenha sobre o livro "Lendo J. M. Coetzee" (Edufsm), organizado por Kathrin Rosenfield e Lawrence Flores Pereira. Segundo Cunha, "é por enquanto a única coletânea crítica no Brasil sobre Coetzee e abrange a quase totalidade de sua obra".

O crítico literário e de cinema Eron Duarte Fagundes analisa o polêmico romance do francês Michel Houellebecq "Submissão", à luz de outro livro do autor, "O Mapa e o Território". Fagundes fala da França Islâmica imaginada pelo romancista, mas diz que o romance passa ao largo desta visão-pesadelo e se centra mais em um personagem, a princípio secundário na trama, o escritor pós-naturalista francês Joris-Karl Huysmans, cujo romance-ensaio "As Avesas" (1884) seria um pouco o embrião de "Submissão".

Por fim, o coordenador do CS, Juremir Machado da Silva, analisa o livro "O Mito da Agulha Hipodérmica e a Era da Propaganda — 12 Estudos da Arqueologia do Pensamento Comunicacional", de Francisco Rüdigier. Juremir indaga e responde a partir do livro: "O que há entre o emissor e o receptor capaz de impedir a reação desejada? Rüdigier examina caminhos menos batidos, explora pontos mais sofisticados e apresenta hipóteses renovadoras". Boa leitura a todos!



Diego Vecchio



J. M. Coetzee



Tânia Rösing



Michel Houellebecq

LUIZ GONZAGA LOPES / ESPECIAL / CP

ATP / CP MEMÓRIA

LUIZ GONZAGA LOPES / ESPECIAL / CP

ANA CLAUDIA RODRIGUES / DIVULGAÇÃO / CP

ENTREVISTA | Tânia Rösing

Uma vida em prol dos leitores

LUIZ GONZAGA LOPES / ESPECIAL / CP

Ex-coordenadora da Jornada de Literatura fala ao CS sobre paixão pela leitura e planos

■ LUIZ GONZAGA LOPES

Durante 34 anos, a professora Tânia Rösing, de 67 anos, foi o símbolo de uma atividade que transformou a formação de leitores e a noção de festas literárias pelo país, a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, iniciada em 1981. A Jornada foi cancelada este ano. Tânia foi afastada, e a Universidade de Passo Fundo anunciou Fabiana Burlamaque como a nova coordenadora das jornadas. Mas Tânia segue à frente do Centro de Referência de Literatura e Multimeios da UPF, trabalha como docente da Universidade, onde coordena o "Livro do Mês" e estará à frente do 13º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, que mantém a chama da Jornada acesa este ano. O seminário será realizado de 28 de setembro a 1º de outubro em Passo Fundo e São Paulo, patrocinado pelo Itaú Cultural, com Roger e Anne-Marie Chartier, Regina Zilberman, Edvaldo Souza Couto, Lúcia Santaella, Francisco Marinho e Ignácio de Loyola Brandão. Em entrevista ao CS, Tânia fala da paixão pela leitura e formação de leitores e do seu tempo à frente da Jornada, entre outros temas.

CS – Fora da Jornada, como está sendo a sua trajetória?

Tânia – Deixei de ser a coordenadora da Jornada por determinação do reitor da UPF, mas meu compromisso com a vida, a criatividade e as ideias continua. As pessoas que vão coordenar a Jornada vão adotar outro modelo. O meu trabalho vai continuar na ampliação de outros relacionamentos, de outros projetos que me forem solicitados. Eu fico contente, quando vejo que as jornadas e festas literárias começaram a se desenvolver no Brasil, a partir do nosso exemplo em 1981. Não se falava em nada disto no país. Lembro de ir a Badajoz, Espanha, em 2001, e constatar que o Centro de Referência de Literatura e Multimeios da UPF foi inspiração para a construção do mesmo Centro por lá. Continuo à frente do "Livro do Mês" da UPF. Hoje nas nossas práticas leitoras, nós envolvemos os diferentes textos literários, suportes, a rede, o cinema, a música. As pessoas que estão à frente de ações de leitura precisam ser melhores leitores. Desde 2001, a Jornada fez a primeira discussão pública da tecnologia: "2001 – Uma Jornada à Galáxia de Gutenberg. Da Prensa ao E-Book". Acharam que a gente era meio doido por discutir o tema. Eu consegui tra-



Fora da Jornada de Passo Fundo desde maio, Tânia Rösing segue trabalho docente e pela formação de leitores



Eu sempre procurei pensar grande, pensar o desafio, pensar o impossível. A minha formação sempre foi preocupada com leitores.



Eu fico contente quando vejo que as jornadas e festas literárias começaram a se desenvolver no Brasil a partir do nosso exemplo da Jornada, em 1981.



Estou lendo novamente 'Ubiquidade', da Lúcia Santaella, e 'A Mão do Autor e a Mente do Editor', do Roger Chartier. Também reli 'Amar Verbo Intransitivo', de Mário de Andrade.

zer uma réplica da prensa de Gutenberg. São três no mundo e uma delas veio a Passo Fundo, com apoio da Embaixada da Alemanha, para ficar ao lado do e-book.

CS – Como te defines?

Tânia – Eu sempre procurei pensar grande, pensar o desafio, pensar o impossível. O meu propósito é contribuir, é ver estas ideias sendo praticadas, se transformando em realidade. A minha formação sempre foi preocupada com leitores. Eu tive estímulo na minha família, na escola em que estudei, sempre achei que era uma oportunidade de recheio do interior das pessoas. Quando decidi ser professora, levei comigo esta vontade de fazer ações diferenciadas para atingir este objetivo. Eu sempre achei que a gente deveria fazer coisas para aproximar leitores e escritores, o que era difícil em Passo Fundo, distante 300 km da Capital. Sempre defendi a autenticidade de princípios. Meus pais me diziam que a gente deve agradecer a dívida da vida e retribuir com algo significativo. Ao longo de 44 anos na UPF e 34 na Jornada, me cerquei de pessoas sintonizadas com estes projetos. Por isso eu ouvia as sugestões e as colocava em prática. A Jornada foi um projeto coletivo, que foi se ampliando à medida que fomos avaliados, criticados e desafiados a fazer coisas novas. Não me arrependo em nada do que fiz, pois foi com paixão, vontade fazer os outros serem tocados pela leitura.

CS – Qual a sua posição sobre literatura contemporânea?

Tânia – O primeiro a ser feito é saber do que os jovens gos-

tam. Dois jovens foram a Passo Fundo: André Vianco e o Raphael Montes, além da Carina Rissi. Os leitores ficam enlouquecidos, perguntam, lotam a plateia. A gente tem que verificar qual é o público. Nós temos muita gente escrevendo, nem todo mundo tem a qualidade necessária, mas ele tem a qualidade que é apreciada de falar a linguagem que o público jovem quer. Os jovens vão atrás destes livros sem nenhuma indicação da universidade, que não trabalha estes livros. Não era o nosso caso na Jornada, pois trazíamos estes autores no nosso "Livro do Mês". Temos que estar atentos ao que está sendo produzido e para o que está sendo lido, sem se ater só ao que a crítica ou academia valoriza.

CS – Poderia nos contar uma história inusitada da Jornada?

Tânia – Na 1ª Jornada, em 1981, algumas pessoas questionaram o nível dos convidados. Eram amigos de Josué Guimarães: Mario Quintana, Armindo Trevisan, Carlos Nejar, Cyro Martins, Sérgio Capparelli, Deonísio da Silva, Antonio Carlos Resende. O reitor me perguntou por que convidar o grupo de literatura gaúcha e não o de gauchêsca, como Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, mas referendou os convidados. O Josué era um cara alegre, informal, e a primeira coisa que ele me disse foi: "Não deixa a academia tomar conta, não deixa ficar com tom sisudo". Foi a primeira grande figura do imaginário da Jornada, seguido pelo Ignácio de Loyola Brandão, que foi a primeira vez em 1985 como convidado e, em 1988, assumiu como coordenador

dos debates. Outra história foi confronto do Alberto Manguel e da Beatriz Sarlo com a editora inglesa Kate Wilson. A inglesa apresentou um aplicativo, e Manguel disse que não estimularia a leitura, mas sim a deformaria, no que foi apoiado pela Beatriz. Foi um clima tenso, mas dentro da pluralidade característica da Jornada.

CS – Como as teorias literárias podem ser aplicadas nos dias de hoje?

Tânia – O livro não vai terminar. Para o envolvimento com o livro, a característica principal é o ato solitário de ler e em profundidade. Primeiro a gente lê as cidades. Depois, vê entre as crianças e jovens quem tem ou não um livro na mão, mas há o celular. São jovens que têm um potencial que precisa ser ampliado. Existe a teoria literária que é a estética da recepção, no método sistematizado pela Maria da Glória Bordini e a Vera Aguiar, determinando que primeiro se deve levantar as expectativas das pessoas; segundo, atender o que elas querem; e terceiro, romper com este estado de preferência, fazendo a ampliação e o questionamento. Somos pessoas com história, e o leitor precisa ler utilizando sua referência. O celular não é só para a comunicação. Pode ser utilizado para a inter-relação com outras artes. É importante ser um apreciador de música, teatro, cinema, pintura, navegar por museus. Poder analisar "Las Niñas", de Velásquez, e o mesmo quadro criado por Picasso. O leitor ubíquo tem inúmeras possibilidades, acesso a sites e a paciência da pesquisa na Web.

Com a palavra, o poeta da periferia

Sérgio Vaz é escritor, poeta e idealizador do projeto Cooperifa, que transformou um bar na periferia de São Paulo em centro cultural. Na noite de sexta-feira, Vaz esteve em Passo Fundo e, durante o bate-papo com o público, defendeu: "A poesia é para todos"

Liliana Crivello
Eduarda Ricci Perin
eduarda@diariodamanha.net

Revirar o lixo da literatura. É o que busca, todos os dias, o poeta Sérgio Vaz. Nos sebos, nas escolas, nas praças. Com poesias recheadas de gírias e palavras simples, a intenção dele é dessacralizar a literatura. Tirá-la do pedestal e trazê-la à comunidade, à periferia. Por isso, é conhecido como vira-lata. Um vira-lata da literatura.

Com sorriso largo e sotaque paulista, o poeta explica o desejo de popularizar a leitura. "No nosso país, ninguém lê. Tanto faz se é da periferia, se é negro, se é rico ou se é pobre. Então, é preciso transformar a literatura em algo popular, como a música, o teatro, o futebol. O nosso trabalho é lembrar as pessoas que elas gostam de ler, só não sabem que gostam", considera.

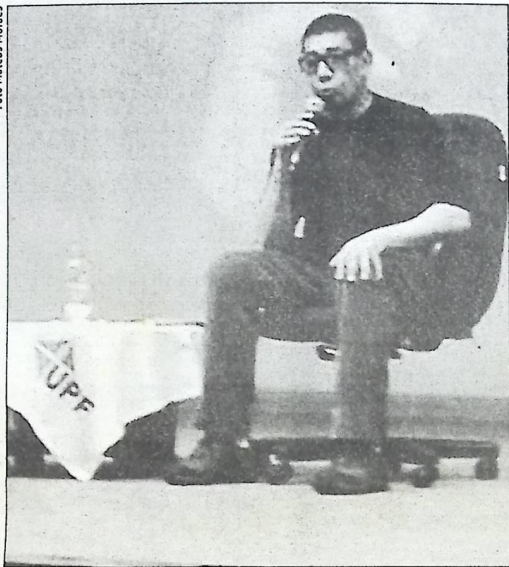
Para Sérgio, a poesia deve ser para todos e percorrer todos os caminhos. No bairro onde mora, em Taboão da Serra, na grande São Paulo, existe uma biblioteca dentro de um bar, onde os encontros do projeto Cooperifa acontecem. Na comunidade, o poeta também tem parceria com times de futebol, o Várzea poética. O objetivo é envolver cada um, no seu modo, na literatura. "É a pessoa que vai dizer como ela quer receber a literatura e ninguém vai impor um jeito", conta ele.

A literatura de Sérgio quer ter voz e dar voz. O poeta escreve sobre gente simples, gente como ele. "Quero ser um escritor popular. Falar sobre e para as pessoas oprimidas e seguir a máxima de que todo artista deve estar onde o povo está", diz ele.

Envolver crianças e jovens da periferia com a literatura não é considerado um trabalho para Sérgio, que vive de poesia há 26 anos. "Eu amo o que faço e me divirto", conta ele, rindo.

Por amar o que faz e ser feliz por isso, Vaz tem um conselho aos jovens: "procure fazer o que gosta, para não ter peso, para que acordar não seja um fardo". Esse é o incentivo do poeta, que esteve em Passo Fundo na última sexta-feira e conversou com acadêmicos, professores e o público em geral na Universidade de Passo Fundo, durante a segunda edição do projeto Conversas Transformadoras.

Foto: Mateus Moraes



Durante o bate-papo, Vaz declamou alguns de seus poemas, debateu com o público e autografou obras

Um pouco mais sobre o poeta

Sérgio Vaz tem seis obras publicadas e é criador da Cooperifa - Cooperativa Cultural da Periferia - e um dos criadores do Sarau da Cooperifa, evento que transformou um bar na periferia de São Paulo em centro cultural, e que, às quartas-feiras, reúne em torno de 300 pessoas para ouvir e falar poesia.

Vaz também é autor do projeto

Poesia contra a violência, que percorre as escolas da periferia incentivando a leitura e criação poética como instrumento de arte e cidadania. Por conta de suas atividades nas comunidades carentes, ganhou o título de poeta da periferia. Pela Global Editora, publicou Colecionador de Pedras e Literatura, Pão e Poesia.

O evento

A segunda edição do Projeto Conversas Transformadoras aconteceu na noite da última sexta-feira, no Centro de Eventos da Universidade de Passo Fundo. Aberto aos acadêmicos e professores da Universidade e ao público em geral, o evento permitiu que os participantes interagissem com o poeta através de perguntas, debates e conversas.

Após participar da Jornada Nacional de Literatura e do projeto Livro do Mês, Vaz retornou a Passo Fundo a convite do Grupo Transformar, realizador do projeto Conversas Transformadoras. Para o presidente da entidade, Michel Oliveira, o poeta foi escolhido para a segunda edição do evento por defender a poesia e a literatura para todos. "Ele acredita que a literatura deve percorrer as comunidades, as periferias, as grandes e pequenas cidades, o interior. Todos os cantinhos", comenta.

O projeto

A iniciativa de trazer à cidade palestrantes para conversar com os jovens sobre temas como desigualdade social, educação, política e religião faz parte das ações do Grupo Transformar, entidade sem fins lucrativos formada por jovens da cidade.

A proposta é oferecer aos passo-fundenses a oportunidade de conversar com palestrantes

de diversos lugares do país, que possam exercer e despertar ideias e comportamentos influentes e benéficos à sociedade.

A 1ª edição do projeto foi realizada no dia 23 de outubro do ano passado e teve a participação do filósofo, escritor e artista plástico Eduardo Marinho que apresentou o tema: "O que a razão não alcança".



Sueli Gehlen Frosi
sugehlenfrosi@gmail.com

Primavera antecipada!

Vivemos em uma cidade florida em roxo e amarelo por causa dos ipês, que resolveram acordar para a primavera durante nosso inverno ameno. O cultivo de orquídeas está consolidado nos jardins e suas flores encantam há muitos dias, o que não é surpresa em agosto. Quando tínhamos orquídeas, agosto era o mês de colocar potes e mais potes para dentro de casa. Falava-se até sobre a necessidade de procurar o tarzã em meio àquela floresta colorida.

Acredito que a beleza nos deixa mais amáveis, mais generosos. Na quinta-feira à noite, na Academia Passo-Fundense de Letras, o Dr. Donald Schüller presenteou-nos com beleza ímpar, na medida em que, com muita competência, falou-nos sobre o amor. Retrocedeu à tradição literária da Grécia Antiga até chegar ao século XXI, acompanhando a trajetória dos amantes dentro da literatura. Concordo com ele de que a história deveria ser contada nesta perspectiva, que aí evitaríamos os relatos de guerras e revoluções de que os livros tratam com fartura. Contamos até com encenações campais de combates sangrentos aqui na nossa cidade.

Essa beleza toda não combina com doenças, muito menos com doenças de crianças. Ficamos cegos a todo prazer quando um bebê tem febre, dor, mal estar. Bebês são seres que choram e não conseguem contar onde dói, o que nos coloca em uma posição de impotência devastadora. E quando somos avós a dor é maior. Gostaríamos de aconchegar o sofrimento bem apertado contra o peito, como conseguíamos fazer com nossas crianças, mas os nossos netos e netas preferem seus pais. Viramos espectadores que sangram por dentro.

A doença infantil é algo tão complexo e tem uma demanda tão grande, que poucos(as) estudantes de medicina querem especializar-se em pediatria. O Dr. Rui Wolf disse em uma entrevista, que a criança doente vai à consulta, chora, volta para uma reconsulta dias depois e, entre uma e outra, acontecem alguns telefonemas pedindo orientações. Ele explicou assim a falta de pediatras.

Já na rede pública os bebês demoram a ser atendidos por falta de médicos nas unidades perto de casa, nas emergências e quando necessitam internação, não há leitos suficientes, nem UTIs disponíveis. Uma UTI neonatal é disputada por várias cidades, que não contam com algo tão sofisticado.

Um bebê doente traz consigo uma mãe desesperadamente cansada, que quer solução para o sofrimento do seu bebê para agora. Não raro ela já frequentou o google atrás de informações, já conversou com outras mães e para aumentar a angústia, ela é dotada de uma imaginação muito fértil. Nada de bom passa pela cabeça de uma mãe cujo bebê está com febre.

É sobre essa angústia que o Café Filosófico deste sábado foi montado com muito carinho. Na Rádio Diário da Manhã, das 17 às 18.30 horas, a psicóloga Ana Flávia Figueiredo e o médico neuropediatra Marccus Vinicius Loguerio serão recebidos para um debate com o intuito de cuidar de quem cuida de crianças doentes. O tema é relevante e os convidados são muito qualificados, para que as famílias sejam informadas do que é necessário para seu fortalecimento nessas horas cruciais.

Temos, portanto, ipês roxos e amarelos nas ruas e amor enorme no coração. Para que não fiquemos cegos a isso, precisamos que nossas dores de pais e de avós sejam acolhidas nos momentos em que temos a sensação de que nossos amores podem piorar.

Ligue-se então no Café Filosófico, que vai abordar "Do que padecem as famílias, quando as crianças ficam doentes? Qual a melhor forma de ajudá-las?" Não perca o programa que pode ser acompanhado pela Rádio Diário da Manhã AM, ou pela internet. Que tal fazê-lo tomando um chimarrão à sombra de um ipê florido, para que a primavera entre também em seus corações?

Esta semana a minha amiga Marilise desejou-me luz. Deixei a luz entrar para curar-me de dias de sofrimento com meu netinho doente. Ele ficou bom rápido, mas meu coração precisou também do presente de Marilise para curar-se. Desejo muita luz para quem tem a tarefa mais importante do mundo, que é a de cuidar de crianças.

Membro da Academia Passo-fundense de Letras.

TRANSPARÊNCIA

Óculos Mágicos

Pablo Morenno

Eu, que na infância pulei de guarda-chuva do chiqueirão de porcos e caí na esterqueira, ao ver meu filho brincando com o mesmo objeto, sai com essa:

- Deixe a sombrinha de sua mãe no lugar. Isso não é brinquedo.

Me surpreendi com duas coisas.

Uma é minha condição de pai. Não tanto pelo medo do estrago da sombrinha, mas pelo risco de algum ferimento.

Outra é meu olhar adulto da infância. Eu perdi meus óculos mágicos.

Fui uma criança terrível para meus pais. Era extremamente curioso, inquieto, com uma imaginação sem tamanho. Arteiro, como diziam. Problemas. Coloquei fogo na casa, apagado a tempo, antes de virar tragédia. Coloquei cachaça no cocho de água das galinhas. Ficaram dormindo pelo pátio, e meu pai achou que seria alguma peste.

Algum cientista deveria explicar porque perdemos os óculos mágicos da infância. Será que perdemos mesmo ou esquecemos em algum lugar dentro da gente? Estaria solto em algum potreiro, amarrado ao cepo do galpão? Ou estará à beira do rio onde pescávamos lambari? Talvez, você que foi um menino urbano, tenha esquecido seus óculos mágicos em alguma praça, ou dentro da caixa do videogame.

Herdamos de nossos pais a seriedade da vida adulta. Cheia de responsabilidades e compromissos. Achamos bonito criança falando como adulto, ou tendo responsabilidades superiores à sua idade. Pais devem cuidar, proteger, colocar limites. A única coisa da infância ainda presente é o medo. Medo de doenças, por isso não deixamos brincar na terra. Medo de ferimentos, por isso evitamos um guarda-chuva. Medo da violência, por isso fechamos o portão da rua.

Não está errado ser pai, ou mãe, com seu jeito ranzinza. As crianças precisam contar com um adulto por perto. Precisam de nossos limites, de nossas regras, de nossa segurança e, até mesmo, das consequências. Afinal, o mundo não é assim tão cheio de fantasias. Pais não podem ser ingênuos.

Mas, pai e mãe, não podem perder os óculos mágicos da infância. Não precisam sá-los a toda hora, como se fosse um objeto imprescindível. Seria irresponsabilidade. O que precisamos é tê-los sempre à mão, para olhar as coisas quando for necessário. Nossos filhos precisam desse olhar. Nós também, para ver coisas nem sempre vistas do alto da seriedade do mundo.

A vida não é brinquedo. Mas, para viver bem, é preciso faz-de-conta.

Atividades do 13º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural acontecem no fim de setembro



O seminário conta com a presença de conferencistas como Roger Chartier (foto), Anne-Marie Chartier, Edvaldo Souza Couto, Regina Zilberman, Chico Marinho e Lúcia Santaella

Jornada em ação

Ainda que a Jornada Nacional de Literatura tenha fechado as portas e baixado as lonas neste ano, as atividades não se encerraram. Além do Projeto Livro do Mês, que tem por objetivo estimular a leitura entre as escolas e acadêmicos da Universidade, o 13º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, evento que acontecia dentro da programação da Jornada, está garantido e já tem programação confirmada e data marcada: de 28 de setembro a 1º de outubro, a comunidade poderá se encontrar com conferencistas como Roger Chartier, Anne-Marie Chartier, Edvaldo Souza Couto, Regina Zilberman, Chico Marinho e Lúcia Santaella, além de conversar com uma das presenças mais tradicionais da Jornada: Ignácio de Loyola Brandão.

O Seminário vem sendo desenvolvido desde 2003, a partir de um convênio firmado entre a Universidade de Extremadura, na Espanha, e a UPF. O encontro está incorporado às atividades da Red Internacional de Universidades Lectoras (www.universidadeslectoras.org), grupo do qual a UPF faz parte desde 2009. A rede agrega instituições universitárias de todo o mundo, em torno de objetivos e atividades comuns de fomento à leitura e à escrita voltadas à comunidade universitária e ao seu conjunto. Neste ano, a proposta passa pelo conceito de leitura em redes, pelas novas tecnologias ligadas às mídias digitais e, ainda, pela ideia de leituras móveis.

Inscrições

As inscrições para o Seminário podem ser realizadas pelo [sitewww.upf.br/jornadaseminariioleitura](http://www.upf.br/jornadaseminariioleitura) até o dia 18 de setembro. São 600 vagas para as atividades que acontecem no auditório do Centro de Eventos da UPF, nos dias 30 de setembro e 01º de outubro e, nas demais, há número específico de participantes. Todas as atividades são gratuitas.

Programação

Dias 28 e 29 de setembro: Encontro com mestrandos e doutorandos das áreas de Letras, História e Educação da UPF, no Auditório do Centro de Eventos da UPF, das 8h às 11h30min e 14h às 17h30min. Com Roger Chartier e Anne-Marie Chartier. Dia 30 de setembro: Paineis de debates, no Auditório do Centro de Eventos da UPF, às 14h - Literatura, redes e sistemas, com Regina Zilberman (UFRGS) e Edvaldo Souza Couto (UFBA). Às 19h: Conferência duas vozes: novas tecnologias, ler e escrever, aprender e apagar com Roger Chartier e Anne-Marie Chartier. Dia 01º de outubro: Apresentação de comunicações orais, no Instituto de Filosofia Ciências Humanas (prédio B4), Campus I da UPF, das 8h às 12h. Depois, às 14h, acontece no Auditório do Centro de Eventos da UPF o debate Leituras móveis, leitores ubíquos, com Lúcia Santaella (PUC-SP) e Chico Marinho (UFMG). Mais tarde, às 17h, acontece a homenagem da Academia Passo-Fundense de Letras ao escrito. Ignácio de Loyola Brandão e conversa com o escritor para alunos de graduação e de escolas da rede pública no Auditório do Centro de Educação em Tecnologia (prédio B3) - Campus I - UPF.

Para adultos e crianças

Estão abertas as inscrições para a Oficina de Expressão Corporal e Sensibilização, infantil e adulto, ministradas pelo Ator e Produtor, Beto Mayer. O período da oficina é de 03 a 24 de setembro - quintas-feiras, das 19h às 20h, para o público infantil e das 20h30 às 22h para o público adulto, tendo como local o Nariz Vermelho - Casa de Festas, Morom, 3029. Oficina consiste em lançar-se ao lúdico utilizando o teatro como forma de linguagem mais direta e ampla, onde cada situação exigirá a fala, o corpo, a criatividade, a agilidade, o equilíbrio, a concentração, entre os diversos sentidos que o teatro usa como ferramenta de comunicação e expressão. O objetivo é desinibir-se, conhecer novas pessoas, ter noções de dicção, relacionamento interpessoal, vivências em grupo e principalmente relaxar e se divertir. Maiores informações e inscrições, pelo telefone 54 99786033 ou betomayer@gmail.com



O NACIONAL

Homenageia você nesta data especial. Feliz Aniversário!

BRUNILDA ZANALLA
CLEIMAR BRAGA
ISABELA BORGHETTI FOLLE

JORDANA PASSINATTO
JULIANA DALLA LANA ROSSETTO
LUIS RAUBER

MARA FAVERO
MARIO MENEGAZ
TIAGO ETORE FIORINI

Assinante, caso seu nome não conste na lista, entre em contato pelo fone: 3045.8335 ou pelo e-mail: assinatura@onacional.com.br